



## O BRINCAR ENQUANTO RESISTÊNCIA À NORMATIZAÇÃO DO CORPO E SEXUALIDADE DAS INFÂNCIAS

*Eixo Temático 19 - INFÂNCIAS, GÊNERO E SEXUALIDADES: RESISTÊNCIAS  
POSSÍVEIS EM TEMPOS DE RETROCESSOS*

Ricardo Andrade Amaral <sup>1</sup>

### RESUMO

Este texto apresenta inquietações sobre a importância do brincar, considerando o corpo das infâncias um terreno de criação e resistência. A proposta é repensar o corpo/sexualidade como espaço para a construção de subjetividades múltiplas, rompendo os estereótipos normativos. A partir da metodologia cartográfica, inspirada em Deleuze e Guattari, mapeiam-se fluxos e afetos que demonstram o brincar como um importante elemento na construção da subjetividade. Além disso, as contribuições de Foucault, ao expor mecanismos de poder que regulam os corpos, e de Freud, ao compreender a sexualidade infantil como experimentação do prazer, alargam a discussão. Na (in)conclusão, propõe-se pensar, e seguir pensando, o brincar como experiência concreta de afirmação de uma subjetividade da resistência, apontando para futuros possíveis com corpos e sexualidades livres de normas e imposições.

**Palavras-chave:** Brincar, Infâncias, Corpo, Sexualidade, Resistência.

### INTRODUÇÃO

Este texto faz parte das minhas inquietações sobre a importância do brincar, considerando o corpo das infâncias um terreno de criação e resistência. Faço parte da equipe de profissionais que atuam no Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente (NDCA) da

---

<sup>1</sup> Analista Universitário – Psicólogo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), atuando no Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente (NDCA), ricardo.amaral@uesb.edu.br.



Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), que tem como objetivo principal fomentar, a partir de suas diversas ações, uma cultura voltada para a efetivação dos Direitos Humanos Fundamentais de Crianças e Adolescentes. Ao tomar o Brincar como tema central de nossas intervenções coletivas em 2025, proponho pensar a respeito do corpo das infâncias como um terreno de criação e construção das múltiplas existências possíveis de um sujeito em formação. Ampliando um pouco mais, pensar na relação corpo/sexualidade das infâncias que abre circuitos importantes de compreensão a respeito da história do presente, marcada por retrocessos ético-estético-políticos imensuráveis. Nesse entremeio de disputas discursivas, o brincar, enquanto um ato de expressão da existência subjetiva, aponta para uma perspectiva de resistência das infâncias diante da crise atual.

O corpo das infâncias, entendido como terreno fértil para a criação e a construção de existências diversas, surge como palco privilegiado para a experimentação de relações plurais entre corpo e sexualidade. Essa visão, que contrapõe os discursos normativos e o enquadramento binário tradicionais (“meninos vestem azul, meninas vestem rosa”), aponta para a possibilidade de desconstruir normas pré-estabelecidas e, assim, fomentar uma subjetividade em formação pautada pela autonomia e pela experimentação da alegria. O ato de brincar, concebido como expressão intrínseca do desejo, da criatividade e da expressão corporal, aparece como um movimento de resistência que desafia a lógica do controle e da rigidez dos discursos repressivos. Ao privilegiar o brincar, as práticas infantis não apenas resgatam a alegria do encontro entre o corpo e o objeto de brincadeira, mas também oferecem insumos para repensar futuros onde a liberdade corporal e a sexualidade sejam vividas de maneira singular e sem imposições.

Em seu livro *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*, Foucault (1988) nos alerta para o papel dos mecanismos de poder na constituição dos discursos acerca da sexualidade e na organização dos corpos: aquilo que não se conforma aos parâmetros estabelecidos e que foge à regulamentação normativa, é sistematicamente silenciado e excluído. Desse modo é possível pensar que, especificamente o corpo das infâncias, também é marcado por mecanismos que definem e restringem a expressão de suas sexualidades e subjetividades, no instante em que discursos compreendidos como normais, dentro da lógica binária e higienista, exclui outros modos de existência “fora do padrão”. O poder, para Foucault (1987), não é



exercido apenas de cima para baixo por instituições hierárquicas, mas circula nas relações sociais cotidianas de forma horizontalizada. Desse modo, elementos que fogem aos limites do padrão, como certas expressões de sexualidade ou formas inusitadas de corporalidade, são silenciados e tornam-se “inexistentes” no discurso oficial, através de um poder coercitivo entranhado nas teias do social.

Junto a essa discussão, para pensar junto, convoco a concepção freudiana da sexualidade como uma dimensão intrínseca ao ser humano, na qual o prazer e a experimentação assumem papel importantíssimo. Nesse contexto, o brincar é compreendido como ato de experimentação do prazer, evidenciando a ligação entre a energia libidinal e a criatividade infantil. Freud (1989), ao tratar da sexualidade de forma ampla, possibilita a compreensão de que o desejo se manifesta desde a infância e que a experiência brincante não é apenas uma simulação, mas uma expressão autêntica da vida psíquica e corporal.

Ainda no campo das inquietações, acredito que as abordagens feministas e teorias queer, que criticam a binariedade de gênero e os estigmas atribuídos à expressão corporal, são teorias importantes para compor uma discussão sobre normas e resistências no quadro das sexualidades das infâncias. Essas correntes teóricas, de modo geral, afirmam que a dureza dos discursos tradicionais sobre o corpo e a sexualidade contribui para a construção de uma sociedade excludente e repressiva. Desse modo, ao reconhecer o brincar como prática de resistência, evidencia-se uma contraposição aos discursos que restringem a liberdade das infâncias, possibilitando a emergência de corpos que se afirmam fora das amarras dos estereótipos de gênero.

A sobreposição teórica entre psicanálise, filosofia e estudos culturais enriquece esta análise, pois proporciona múltiplas possibilidades de leitura para os modos de existir, evidenciando as inúmeras formas de (re)configuração das práticas sociais no mundo do brincar das infâncias.

## **METODOLOGIA**

A abordagem metodológica deste texto-inquietação assume uma perspectiva cartográfica, inspirada no pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que propõem uma ideia de mapear os territórios do sujeito em construção. Ao contrário dos mapas convencionais, que fixam limites precisos e definem territórios de forma estática, essa



metodologia propõe um mapeamento ativo e multifacetado, em que o espaço é continuamente redesenhado pelas interações, fluxos e afetos dos sujeitos.

Nesse contexto, para Deleuze e Guattari (1995), a noção de mapeamento deixa de representar apenas limites estáticos, e passa a revelar um campo aberto de intensidades e conexões, onde cada movimentação expõe dimensões do que é a realidade social. A cartografia convida a uma leitura plural da realidade, permitindo a elaboração de pensamentos e resultados que incorporam tanto aspectos visíveis quanto aqueles que escapam à percepção imediata. O mapeamento cartográfico propicia a emergência de um discurso que valoriza a diversidade dos afetos e a fluidez dos processos. Nele, o espaço não é um dado fixo, mas um campo de possibilidades em permanente alargamento, onde o foco recai sobre as conexões e os encontros que moldam novas realidades.

Sendo assim, o método cartográfico como um modo de fazer e pesquisar, “consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10). A cartografia foi utilizada como norte para esse escrito de pensamentos livres, mas tomo como indicação para uma futura pesquisa em campo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados e discussão de um texto que se propõe a ser um lampejo de ideias e devaneios sobre o respectivo assunto, se torna algo bastante insipiente. Mas, proponho apresentar aqui, aquilo que a partir da noção cartográfica, encontrei como disparadores conceituais para o exercício do pensamento.

A aplicação da metodologia cartográfica, inspirada por Deleuze e Guattari, assumiu papel crucial na compreensão das práticas brincantes e na construção dos corpos infantis. Ao mapear fluxos e intensidades conceituais, constata-se de imediato que os espaços de brincar são territórios de resistência, nos quais as crianças reconfiguram os discursos normativos, produzindo um mapa de afetos, devir e singularidades que subvertem imposições rígidas, como por exemplo, expectativas de vestimenta e comportamentos padronizados, determinadas por um discurso que, historicamente, enquadraram meninos e meninas em caixinhas específicas.



Pensando a partir desse recorte, o ato de brincar representa um campo de tensionamento, no qual práticas cotidianas entram em confronto com as imposições das estruturas de poder. Nesse contexto, os conceitos foucaultianos de corpo e poder nos ajuda a explicar como as instituições e os discursos sociais disciplinam os sujeitos desde a infância. Foucault (1987) propõe que o poder se exerce de modo difuso, presente em práticas cotidianas e, através de mecanismos de controle que regula os corpos. As normatizações, como a imposição de estereótipos de gênero (“meninos vestem azul, meninas vestem rosa”), tentam definir e limitar os modos de ser e agir no mundo.

Contudo, uma cartografia no/do mundo das infâncias, permite perceber que, ao brincar, as crianças se apropriam de seus corpos e criam espaços de desobediência, onde a rigidez do poder é contestada e novas formas de subjetividade são experimentadas.

Paralelamente, a investigação dialoga com o pensamento de Freud acerca da sexualidade infantil. Freud (1989) postula que a sexualidade não é algo específico da vida adulta, mas se manifesta já na infância através de uma experimentação do prazer que se apresenta de maneiras múltiplas e autônomas. O brincar, ao se constituir num ato de prazer e de descoberta do corpo, reflete essa concepção: ele não é apenas recreação, mas um mecanismo vital de expressão do desejo e da singularidade. Assim, as interações brincantes funcionam como processos de constituição da subjetividade, nas quais o corpo infantil explora e afirma dimensões de sua existência que possibilitam a desconstrução de discursos repressivos.

Desse modo, entende-se que a articulação desses referenciais – o controle dos corpos por meio dos mecanismos de poder em Foucault, a visão freudiana da sexualidade enquanto experimentação do prazer e a cartografia de Deleuze e Guattari – permite uma leitura ampla dos processos formativos presentes no universo infantil, especificamente, do brincar. A partir da possibilidade da geração de mapas pelas práticas brincantes, possibilita pensar como o corpo, em constante transformação, contesta e ressignifica os limites impostos pelo contexto social e podem criar territórios de liberdade e outras possibilidades de existir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ato de brincar, longe de ser apenas uma atividade recreativa, revela-se como uma prática de resistência em face dos discursos repressivos que tentam enquadrar o corpo e a



sexualidade em padrões rígidos e normatizados. Ao romper as barreiras impostas por uma sociedade que historicamente operou a segregação e a marginalização de expressões não hegemônicas, as práticas brincantes emergem como gestos subversivos que afirmam a singularidade e a autonomia do sujeito em formação.

As inquietações aqui apresentadas demonstram que, ao privilegiar a liberdade do brincar, as infâncias não apenas celebram a possibilidade de múltiplas existências, mas também se posicionam contra os retrocessos ético-estético-políticos vigentes. A reconceitualização do corpo das infâncias como um espaço de criação e experimentação possibilita a emergência de narrativas pessoais únicas, apontando para futuros possíveis com corpos e sexualidades livres de normas e imposições.

Como colocado no início do texto, o objetivo foi apresentar proposições teóricas e ideias inventivas no quadro das existências das infâncias, no intuito de fazer circular uma discussão que não se encerra aqui, mas que abre para outros possíveis debates e pesquisas no campo das infâncias, atravessados pelas categorias do brincar, corpo e sexualidade.

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, v.1 e 2, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da Sexualidade. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 7). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989. (Originalmente publicado em 1905).
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.